



Acta Scientiarum. Language and Culture

ISSN: 1983-4675

eduem@uem.br

Universidade Estadual de Maringá

Brasil

Santos, Donizeth

O quase fim do mundo, de Pepetela: um alerta para a humanidade

Acta Scientiarum. Language and Culture, vol. 33, núm. 1, 2011, pp. 151-152

Universidade Estadual de Maringá

.jpg, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=307426647019>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal

Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

## ***O quase fim do mundo, de Pepetela: um alerta para a humanidade***

PEPETELA. **O quase fim do mundo**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2008, 382 p. ISBN 978-972-20-3525-5

**Donizeth Santos**

*Universidade de São Paulo, Rua Lago, 250, 05598-000, Sacomã, São Paulo, São Paulo, Brasil. E-mail: donizethsantos@usp.br*

Imagine se, de repente, sem nenhuma explicação lógica, quase toda a vida animal desaparecesse da face da Terra, com exceção de algumas pessoas! Seria o fim do mundo? Pois esse enigmático desaparecimento da humanidade é o enredo do romance “O quase fim do mundo”, do escritor angolano Pepetela, lançado em Portugal em 2008 pelas Publicações Dom Quixote e ainda inédito no Brasil.

O livro narra a aventura de um grupo de doze pessoas que sobrevive ao hecatombe e vai em busca de outros sobreviventes e de respostas para o que tinha acontecido. O romance, que chama a atenção logo pelo título e prende o leitor do início ao fim, começa com o intrigante depoimento do perplexo médico Simba Ukolo, após a constatação de estar sozinho no mundo.

Depois, nas páginas seguintes, ele relata a surpresa que teve ao retornar à cidade e encontrá-la totalmente deserta. O único fato estranho percebido no retorno foi um relâmpago seco e intenso, que posteriormente ele associou ao fenômeno. Ao chegar à fictícia cidade de Calpe<sup>1</sup>, uma metrópole de cerca de dois milhões de habitantes, localizada numa parte da África próxima dos grandes lagos, ele constata que toda a população da cidade misteriosamente desapareceu, inclusive sua mulher e filha.

Desesperado, Simba Ukolo pensa ter enlouquecido e só se convence de que não estava nada louco quando encontra uma sobrevivente, uma senhora de meia-idade chamada Geny. Ela pertence aos Paladinos da Coroa Sagrada, uma religião que será peça-chave no esclarecimento do mistério do desaparecimento das pessoas.

Acompanhado por Geny, sai a procura de outros sobreviventes. Primeiro encontram um louco que se dizia chamar Kiari. Depois, Jude, uma adolescente de dezesseis anos, e Joseph Kiboro, um ladrão que se

encontrava preso. A partir desse pequeno grupo, Simba Ukolo estabelece um plano de buscas por mais sobreviventes na região.

Aos poucos vão surgindo outras personagens, todas compartilhando o mesmo sentimento de surpresa diante do fenômeno de que eram vítimas: o garoto Nkunda (sobrinho de Simba), o pescador (o único personagem sem nome no romance), o misterioso sul-africano Jan Dippenaar, que se apresentava como segurança de empresas exploradoras de diamantes que atuavam na África, a cientista norte-americana Janet Kinsley, que pesquisava os gorilas africanos, o mecânico Julius, o feiticeiro etíope Riek, e a bela historiadora somali Ísis.

Ampliado o grupo, e com os conhecimentos de aviação de Dippenaar, eles aventuram-se por outras localidades na tentativa de encontrar mais pessoas e respostas para o que tinha acontecido com mundo. Primeiro viajam à cidade de Nairobi, no Quênia, e a encontram também vazia. Depois vão à Europa. Perambulam por Paris e Roma e também não encontram nenhum ser vivo. No entanto, no território europeu descobrem que o desaparecimento da humanidade foi causado por uma experiência científica levada a cabo pelos Paladinos da Coroa Sagrada, a religião de dona Geny.

Dáí a constatação de que a vida tinha se extinguido em todo o mundo, exceto numa pequena parte da África.

Não é por coincidência que Pepetela situa a fictícia Calpe próxima à região onde acredita-se ter sido o berço da humanidade. Assim, embora o romance pareça inicialmente ser pura ficção, totalmente descompromissado com a realidade, na verdade é bem o contrário. O escritor só aparentemente abandona o engajamento que é tão característico em suas obras.

O romance é uma grande metáfora da resistência africana diante do descaso dos países do primeiro mundo. É justamente essa desimportância que

<sup>1</sup> Calpe é um nome recorrente na ficção de Pepetela. Ele surge no primeiro romance escrito do autor, “Muana Puó”, em 1969, e reaparece depois em “O cão e os caluandas” (1985) e em “Parábola do cágado velho” (1996). Segundo o próprio escritor, numa entrevista concedida a Michel Laban, Calpe é a cidade do sonho e da utopia.

possibilita que essas pessoas escapem do holocausto, evitando assim que a humanidade fosse completamente aniquilada. Por ironia do destino, caberia ao continente mais desprezado do planeta reiniciar e reconstruir a história da vida humana na Terra.

Certa vez, numa entrevista, Pepetela disse que o seu desafio era levar os angolanos a serem capazes de pensar (PEPETELA apud CHAVES; MACEDO, 2002, p. 38), pelo fato de sua literatura ser voltada para análise da realidade sócio-histórica angolana. Em “O quase fim do mundo”, ele transcende o espaço angolano e sua preocupação volta-se para a humanidade inteira. Para o leitor de qualquer nacionalidade, de qualquer continente, há um aviso bem claro: a preocupação com o poder de destruição do ser humano que pode levá-lo à destruição de si mesmo. Exemplos no mundo contemporâneo não faltam: armas nucleares, químicas e biológicas, destruição da camada de ozônio e outras tantas formas de destruição da natureza.

Percebe-se então, neste romance, que Pepetela volta-se para temáticas universais, deixando de lado o espaço e a temática angolana, provavelmente por conta do desencanto sofrido pelo autor com a realidade política de Angola e que seus romances políticos publicados anteriormente retratam. É nítido o seu desejo de afastar-se de Angola e abordar questões que sejam inerentes a todo ser humano, independente da nacionalidade ou do continente.

Nesse sentido, é pertinente lembrar uma declaração feita por Pepetela sobre “Predadores”, romance publicado em 2005, (PEPETELA, 2005) na qual ele dizia que após ter concluído o livro teve vontade de tomar champanhe, pelo fato de saber que

estava se encerrando um ciclo em sua literatura. Para quem leu, dois anos depois, “O terrorista de Berkeley, Califórnia” (PEPETELA, 2007), obra em que o escritor satiriza a fobia norte-americana do terrorismo pós-11 de setembro, e agora toma conhecimento de “O quase fim do mundo”, não restam dúvidas de que Pepetela trilha novos caminhos.

Dessa forma, o romance também se insere numa tendência da literatura angolana atual. Depois de um período de abordagem tipicamente nacional (luta pela independência, construção da nação, tradições africanas), após o fim da guerra civil em 2002, ela começa a tomar novos rumos, partindo para reflexão de temas universais, ultrapassando as suas fronteiras geográficas e temáticas.

### Referências

- CHAVES, R.; MACEDO, T. **Portanto... Pepetela**. Luanda: Chá de Caxinde, 2002.
- PEPETELA. **Predadores**. Lisboa: Dom Quixote, 2005.
- PEPETELA. **O terrorista de Berkeley, Califórnia**. Lisboa: Dom Quixote, 2007.
- PEPETELA. **O quase fim do mundo**. Lisboa: Dom Quixote, 2008.
- LABAN, M. **Angola encontro com escritores**. Porto: Fundação Antonio Almeida, s. d.

*Received on August 31, 2009.*

*Accepted on June 2, 2010.*

License information: This is an open-access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.